



Leitor, escreva-nos. Sugira ou reclame, nós somos o seu porta-voz. Damos também voz pública às minorias. As cartas para publicação na secção Fala o Leitor devem ser assinadas em conformidade com o bilhete de identidade/cartão do cidadão. Deve ser enviada a identificação completa do autor, morada e número de telefone. As cartas não deverão exceder uma página A4 e poderão ser resumidas pelo jornal sempre que o julgar conveniente. As cartas não serão devolvidas. **email: falaoleitor@diariocoimbra.pt**

Traz outro amigo também

Senhor Diretor,

Sábado passado, à noite, no Grande Auditório do Convento São Francisco, teve lugar mais um evento do qual Coimbra se pode orgulhar, estando a lotação praticamente esgotada. A organização da VII Grande Noite do Fado e da Canção de Coimbra está de parabéns.

No ano que se aproxima, ocorre a 25 de abril o aniversário da Revolução dos Cravos. Há 50 anos, nesse dia pela manhã e a caminho do Liceu, alguém alertou que não havia aulas, que tinha acontecido uma revolução. Para muitos de nós jovens, muito na ignorância política por culpa do fascismo, significou essa notícia que havia “folga” nos estudos nesse dia. Depois, com a participação na grande manifestação, também em Coimbra, do primeiro 1º de maio livre, teve-se maior consciência da mudança que se estava a operar; mudança também a ter lugar nas escolas.

Mas, no meio académico o protesto contra a opressão, o obscurantismo, as injustiças, a luta pelas liberdades e direi-

tos já vinha de há muitos anos antes da revolução e uma das grandes “armas” foi sempre a canção.

O tema desta Grande Noite foi precisamente “Serenata de Inverno: Canção, luta, protesto”. Muito atual. Ouvir grandes vozes, também no feminino, ouvir a exímia execução de música em instrumentos como o piano, o violino, a guitarra de Coimbra, as violas, foi um privilégio.

Foi com o trabalho e a luta de muitos que já não estão, que nos foi dado futuro. Temos hoje um bem maior que é a liberdade, o qual muitos só valorizaram

quando da recente pandemia, impedidos que foram de tudo e mais alguma coisa. Isto porque não tiveram de lutar por essa Liberdade, já a encontraram.

Recordar ouvindo poemas e canções de José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Manuel Alegre e tantos outros, é uma forma de homenagear hoje quem no passado não se acomodou, quem enfrentou o poder para o bem de todos, quem ficou sujeito a sanções académicas, inibições, prisão.

Donzília Santos
Coimbra

Rede Social de Coimbra

Senhor Diretor,

No âmbito das comemorações dos seus 20 anos, a Rede Social de Coimbra organizou uma conversa dedicada à vivência das pessoas com deficiência, moderada pela Sra. Vereadora de Ação Social, sob o mote “O obstáculo não é a deficiência, o intransponível está na estrutura social que nós construímos”. Ou, pelo menos, era o que o programa fazia prever...

Aquilo que aconteceu não foi, nem próximo, do que era esperado. Estavam presentes três pessoas com deficiência física, duas com deficiência intelectual e uma pessoa cega. Desde logo, a diferença de tratamento entre estas “categorias” foi gritante, com uma infantilização e um desrespeito completo relativamente à vida pessoal das pessoas com deficiência intelectual. Esta hierarquização é uma questão particularmente sensível para a comunidade das pessoas com deficiência intelectual, que sofrem constantes agressões devido à descriminalização das suas experiências e à ridicularização das suas partilhas. A simplificação do discurso, a clarificação das perguntas e a transformação em exemplos práticos é uma adaptação necessária para garantir que a sua participação é realizada de forma digna. Ao invés disso, ouviram-se perguntas como “És feliz?”, “Tens namorada?”, que representavam uma invasão da vida privada e da intimidade das pessoas convidadas. Por outro lado, para uma das pessoas com deficiência física,

ouviram-se palavras como “sinta-se à vontade para partilhar o que quiser da sua experiência”. O preconceito subjacente foi permanente ao longo das 2 horas de conversa, com uma tentativa constante de romantizar a deficiência e de transmitir a ideia de que aquelas pessoas tinham uma vida normal “apesar da sua deficiência”. Ora, nós não fazemos nada “APESAR da deficiência”, mas sim “COM a deficiência, APESAR dos obstáculos que nos são impostos diariamente”. Estes obstáculos não são apenas aqueles que se veem, como as barreiras arquitetónicas. Falamos de atitudes capacitistas como aqueles que experienciamos durante o evento, que reforçaram a ideia de inferiorização e segregação das pessoas com deficiência. Palavras como “meninos especiais”, “necessidades especiais” e outros eufemismos ecoaram várias vezes, sempre numa tentativa de fugir ao elefante na sala: aquelas pessoas tinham DEFICIÊNCIA e, como qualquer outra pessoa, necessidades ESPECÍFICAS. Esta nomenclatura apenas denota o desconforto com a nossa presença e perpetua a desumanização das pessoas com deficiência.

Não posso deixar de referir uma situação específica, aquando da apresentação de uma das notas biográficas. Enquanto a Sra. Vereadora lia “define-se como ativista feminista”, fez uma pausa na descrição e soltou “aliás, como se pode ver: não descuro nada, tudo combina com tudo!”. Muitas pessoas acharão

que este é um elogio. Na verdade, representa mais um exemplo das constantes micro agressões que nós, mulheres com deficiência, vivemos ao longo da nossa vida. Este comentário, não só transparece o desconhecimento total do que é o feminismo, como mostra uma clara confusão entre ser feminista e feminina (seja lá o que isso for). A imagem e a utilização da maquilhagem jamais definiriam uma ativista feminista (muito menos a sua feminilidade!). Esclareçamos: este é o resultado de anos de luta do movimento feminista, de milhares de mulheres que deram as suas vidas para que todas nós possamos escolher hoje como nos queremos apresentar à sociedade, sem o receio de sermos julgadas, humilhadas ou mortas. A juntar a isto, percebe-se a surpresa pelo facto de uma mulher com deficiência usar maquilhagem, ou até de cuidar da sua imagem. As formas de violência contra mulheres com deficiência são muitas e variadas, em grande parte das vezes não intencionais, mas já não há desculpa: o capacitismo mata, a misoginia capacitista mata em dobro!

Todo o contexto já seria preocupante perante a comunidade em geral, mas foram ainda convidadas algumas escolas de Coimbra, que se inscreveram num evento que teria como objetivo desconstruir e desmistificar os preconceitos, as dúvidas e o desconforto associados a vivência da deficiência. Não só não aconteceu, como se contribuiu para que aquelas crianças e jovens fossem para casa com o reforço da narrativa que a socie-

dade lhes conta acerca das pessoas com deficiência: que são vítimas da tragédia que lhes aconteceu. Se queremos que as gerações futuras não reproduzam os erros das anteriores, temos de fazer diferente! A postura a que assistimos seria expectável (nem por isso aceitável!) numa qualquer situação do nosso quotidiano, vinda de pessoas sem a responsabilidade social conferida pelo cargo que exercem. Sendo representantes da sua população, as pessoas com cargos políticos são bandeiras da Democracia. Por parte do poder local, não se exige menos que um tratamento digno, uma postura pedagógica e uma prática inclusiva. Este discurso é mais uma forma de desresponsabilização da sociedade, que insiste em não eliminar as barreiras que nos são impostas e, essas sim, verdadeiras tragédias que nos acontecem diariamente.

Ao longo dos séculos, as pessoas com deficiência foram silenciadas e invisibilizadas, sem a oportunidade de reivindicar uma participação ativa na comunidade. Constantemente nos tratam como crianças, mostram-nos que não podemos esperar mais do que a garantia de que o coração continua a bater. Graças à luta das pessoas com deficiência, foram sendo alcançados direitos humanos fundamentais, para que possamos ter uma vida digna e autodeterminada. (...)

Catarina Vitorino
Co-coordenadora da Delegação de Coimbra da Associação CVI – Centro de Vida Independente

NO DC HÁ...

10 anos

Desentendimentos entre a Câmara de Coimbra e a Construtora MRG levou à suspensão das obras do Convento S. Francisco.

20 anos

Em Leiria, um menino de seis meses morreu com meningite. Tinha sido vacinado mas não resistiu à infeção.

30 anos

Um automóvel foi colhido pelo comboio no ramal Alfairos-Figueira da Foz, numa passagem de nível sem guarda. Conductor morreu e passageiro ficou ferido.

40 anos

Dois engenhos explodiram junto às agências do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa nas Caldas da Rainha e em Leiria.

50 anos

O incêndio de Kumamoto (Japão) foi provocado por um cigarro, disse fonte policial.

60 anos

O relatório do FBI garantia que Lee Oswald foi o assassino do Presidente Kennedy.

70 anos

Uma sessão solene assinalou a inauguração do curso de Educadores de Adultos.

80 anos

A conferência das três potências realizou-se em Tabriz.

90 anos

Na sala Beethoven, da Academia de Música, foi inaugurado o 1.º Concurso Nacional de Piano.

Diário de Coimbra

Ano 93.º - N.º 31.934

Fundador: Adriano Viégas da Cunha Lucas (1883-1950)

Diretor “In Memoriam”:

Adriano Mário da Cunha Lucas (1925 - 2011)

Diretor: Adriano Callé Lucas

Diretores adjuntos

Miguel Callé Lucas e João Luís Campos (Diretor-adjunto executivo, responsável por esta edição)

Diretora geral

Teresa Veríssimo

Editora executiva

Manuela Ventura

Chefia de Redação

Ana Margalho

e Manuel de Sousa

Redação/Publicidade/Assinaturas

e Serviços Administrativos

Rua Adriano Lucas, n.º 161

3020-430 Coimbra

Número de registo na E.R.C.

100.069

TELEFONES

Geral:

239 499 900 *

Publicidade:

239 499 999 * | 910 963 076 **

Classificados:

239 499 901 * | 910 731 588 **

Assinaturas e Agentes:

239 499 950 * | 910 934 467 **

Redação Coimbra:

239 499 930 * | 910 538 866 **

E-MAIL:

redac@diariocoimbra.pt

assinantes@diariocoimbra.pt

publicidade@diariocoimbra.pt

classificados@diariocoimbra.pt

lojadojornal@diariocoimbra.pt

CANTANHEDE

Praça Marquês de Marialva,

2 - 1.º Sala L

3060-133 Cantanhede

Tels.: 231 428 828 *

cantanhede@diariocoimbra.pt

AVEIRO

Av. Dr. Lourenço Peixinho,

15 - 1.º G

3800-801 Aveiro.

Redação: 234 000 030 *;

Publicidade: 234 000 036 *;

Serviços Comerciais: 234 000 033 *;

Classificados: 234 000 031 *

VEISE

Rua Alexandre Herculano,

198 - 2.º Dt.

3500-033 Viseu.

Tels.: 232 000 031 * / 232 000 030 *

LEIRIA

Rua Anzibino da Cruz Saraiva, n.º 318

1.º G - 2415-371 Leiria

Geral/Redação:

244 000 031 *

Geral/Comerciais:

244 000 030 *

* Chamada para rede fixa nacional

** Chamada para rede móvel nacional

LISBOA

Av. 24 de Julho, n.º 50. 1200-868

Lisboa - Tel. 21 3857584 *

DEPÓSITO LEGAL

N.º 464296/19

PRODUÇÃO Prodimprensa

COMPOSIÇÃO e IMPRESSÃO

FIG Indústrias Gráficas, SA

R. Adriano Lucas, n.º 161.

3020-430 Coimbra

Tels.: 239 499 922 * / 239 499 935 *

(239 499 936 *, após 18h30)

Estatuto Editorial em:

http://www.diariocoimbra.pt

Editor e Proprietário

Diário de Coimbra, Lda

Rua da Sofia, 179, Coimbra,

matriculada na Cons. R. Com.

de Coimbra e NIF 500 005 605

Capital Social: 24.941,10 euros

DISTRIBUIÇÃO:

VASP - CTT - VASP PREMIUM

Incentivo à Leitura

Decreto Lei n.º 98/2007, alterado pelo

Decreto Lei n.º 22/2015

Manuel de Sousa (C.P. n.º 781),

António Manuel Rodrigues (C.P. n.º 4872),

Carlos Sousa (C.P. n.º 5761).

Diário de Coimbra na Internet

http://www.diariocoimbra.pt

www.facebook.com/diariocoimbra

Tiragem controlada pela APCT